

---

## Le Livre de L'Inde de Duarte Barbosa (c. 1516)

Luís André Nepomuceno

*Universidade Federal de Viçosa*

### Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n54a1364>

No cenário da expansão marítima portuguesa do começo do séc. XVI, Duarte Barbosa é um nome de grande importância. Sua obra, no entanto, resumindo-se a um único livro que a tradição chamou apenas de *Livro de Duarte Barbosa*, foi pouco lida e pouco compreendida, mesmo pelo público especializado, embora ela encerre o mais rico e fascinante acervo de informações sobre o Oriente que a Europa já recebera até então. Soma-se a isso o fato de que as raras edições de seu texto, ao longo dos séculos, apresentaram equívocos de tradução, mutilações, acréscimos, erros de biografia, entre outros problemas. A edição francesa do *Livro*, com tradução, introdução e notas de Michèle Guéret-Laferté e Rafael Afonso Gonçalves, corrige tudo isso e oferece uma versão confiável da obra. É, no mínimo, um grande acontecimento literário.

Dados para a biografia de Duarte Barbosa são bastante escassos. Ele deve ter chegado à Índia muito jovem, já em 1500, na célebre expedição de Pedro Álvares Cabral, acompanhando o tio Gonçalo Gil Fernandes Barbosa, nomeado para assumir o cargo de escrivão da feitoria portuguesa de Cochim. O tio será depois transferido por

Vasco da Gama para a nova feitoria de Cananor. A Índia começava a ser desbravada e ocupada por agentes portugueses, que ali construíam entrepostos comerciais e fortalezas militares. Barbosa ainda não era adulto à época da primeira viagem e deve ter sido motivado pela sedução de riquezas que o Oriente oferecia. Gaspar Correia, cronista das navegações, garante que Barbosa aprendeu a língua malaiala (falada em toda a costa do Malabar, no sul da Índia) com tamanha desenvoltura, que tinha mais domínio dela do que os próprios nativos. Logo, o jovem será também levado à carreira administrativa do império português, trabalhando especialmente como intérprete nas negociações diplomáticas entre as autoridades portuguesas e o governo local.

Numa de suas viagens de retorno a Portugal, Barbosa escreveu, entre 1516 e 1518, o seu livro, provavelmente apresentando-o ao rei D. Manuel, embora não tenha feito a ele uma dedicatória. O autor não verá seu relato publicado, o que é compreensível, já que Portugal quase não editou literatura de viagens antes de 1540. No entanto, o célebre humanista e cartógrafo Giovanni Battista Ramusio publicou o livro de Barbosa em italiano, com o título “Libro di Odoardo Barbosa” (Ramusio 1978, v. II, p. 537-709), na famosa coleção *Navigazioni e viaggi* em 1550, a partir de uma cópia manuscrita em versão espanhola. A primeira edição portuguesa só veio a lume em 1812, seguida de uma versão inglesa da Hackluyt Society em 1865, e de outra, na mesma editora, entre 1918 e 1921, com tradução de Lancel Longworth Dames e com fartas notas de rodapé, até hoje a versão mais lida e consultada fora do mundo lusófono. Todas essas edições apresentam problemas de fixação do texto e de biografia do autor. Em 1996, Maria Augusta da Veiga e Sousa publicou uma excelente edição crítica da obra, com cotejo dos diversos manuscritos conhecidos.

O *Livro de Duarte Barbosa* é um tratado geográfico e etnográfico que expõe uma descrição dos territórios e dos povos do Oriente, compreendendo toda a extensão das terras ocupadas pelo Oceano

Índico, com início no cabo da Boa Esperança e término nas ilhas Ryukyu, no Japão. Muitas informações de seu livro vieram de notícias imprecisas que ele ouviu dizer, mas a parte mais substancial centra-se na Índia, particularmente na costa do Malabar, onde os portugueses tinham postos comerciais e onde Barbosa viveu boa parte de sua vida. Seu livro, a par da *Suma Oriental*, de Tomé Pires, também escrita na mesma época, é a mais importante base de dados sobre o Oriente, com informações significativas sobre a gigantesca rede de comércio que grassava nas terras da Índia, envolvendo povos de etnias distintas, como hindus, árabes, judeus, chineses, persas, entre outros. O livro apresenta um rico traçado das práticas sociais, especialmente da Índia, com observações sobre roupas, casamentos, relações de poder e hábitos de higiene. O autor foi o primeiro viajante europeu a representar as castas indianas como um modelo fixo e hierárquico envolvendo divisão social e política, divisão do trabalho e interdições morais e sexuais ligadas a essa hierarquia.

A edição francesa da Chandeigne, recentemente lançada, apresenta um texto introdutório de quase setenta páginas que esclarece os critérios da edição e propõe informações históricas e correções biográficas. O texto, primeira tradução do livro para o francês, foi fixado a partir do cotejo de três manuscritos distintos, já inclusive analisados por Veiga e Sousa: a cópia feita por Francisco Mucio Camerte em 1539; a versão espanhola publicada em Sevilha em 1524 (a cópia mais antiga de que se tem notícia); e, por fim, a cópia usada por Mendo Trigoso na edição portuguesa de 1812. A consulta a todas essas versões naturalmente leva em conta o fato de que o manuscrito original de Barbosa perdeu-se com o tempo, e o cotejo de todas as reproduções posteriores mostra que copistas fizeram emendas no texto, inclusive com atualizações de fatos históricos posteriores à primeira redação do livro. A edição também esclarece o erro biográfico sobre a identidade de Duarte Barbosa, que foi confundido com outros dois homô-

nimos da mesma época: o primeiro deles um navegador que esteve na famosa expedição de circum-navegação de Fernão de Magalhães e que teria morrido em 1521 (engano mantido por Ramusio, Dames e Trigoso); e o outro, um piloto que também viajou pelos mares do Índico no começo do séc. XVI.

Por fim, a presente edição francesa apresenta um Duarte Barbosa algo diferente dos outros sugeridos por leitores e críticos do viajante-autor. Barbosa sempre foi visto como o escritor que manifestou críticas severas contra a fúria imperialista de Afonso de Albuquerque, governador da Índia Portuguesa entre 1509 e 1515, e que defendeu os interesses da política de nativos orientais. Essa fama talvez tenha vindo da própria linguagem que ele utiliza no livro, praticamente não condenando os costumes indianos e eximindo-se de juízos de valor tão típicos de viajantes europeus na mesma época. A edição de Guéret-Laferté e Gonçalves, em seu texto introdutório, mostra, no entanto, que Barbosa relativizou a violência colonialista e fez a defesa da ocupação portuguesa em terras orientais, inclusive com justificativa religiosa. Em outros termos, os tradutores sugerem que a imagem tradicional de um Duarte Barbosa encantado com as coisas do Oriente e fascinado por suas práticas sociais, defendendo a política dos nativos, é historicamente frágil e nunca levou em conta que, a julgar pela famosa tese de Edward Said (2012) sobre o orientalismo, o conhecimento sobre o outro (o estrangeiro, o nativo, o negro, o asiático) representou para a Europa, ao longo dos séculos, também um desejo de poder sobre ele. Em outros termos, embora reconheça as virtudes do povo asiático e escreva positivamente sobre elas, Barbosa não oculta por inteiro sua legitimação do projeto colonialista português em terras do Oriente. É essa também a tese mantida por historiadores como Éverton Machado (2018) e Ângela Xavier e Inês Županov (2015).

Com tradução fluente e notas explicativas esclarecedoras e oportunas, a edição francesa do livro de Barbosa tem se revelado um dos grandes tributos já pagos ao autor do quinhentismo português.

RECEBIDO: 02/02/2025

APROVADO: 09/02/2025

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Duarte. *Le Livre de L'Inde de Duarte Barbosa*. Tradução de Michèle Guéret-Laferté e Rafael Afonso Gonçalves. Paris: Chandeigne, 2023.

MACHADO, Everton V. *O orientalismo português e as Jornadas de Tomás Ribeiro: caracterização de um problema*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2018.

*THE BOOK of Duarte Barbosa*. Tradução de Lancel Longworth Dames. Londres: The Hackluyt Society, 1918-1921 (2 v.).

*O LIVRO de Duarte Barbosa (edição crítica e anotada)*. Edição de Maria Augusta da Veiga e Sousa. Lisboa: Ministério de Ciência e da Tecnologia, 1996 (2 v.).

RAMUSIO, Giovanni Battista. *Navigazioni e viaggi*. Edição de Marica Milanesi. Turim: Giulio Einaudi, 1978 (6 v.).

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Aichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

XAVIER, Ângela Barreto; Županov, Inês G. *Catholic orientalism: Portuguese empire, Indian knowledge (16th-18th centuries)*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

## MINICURRÍCULO

**LUÍS ANDRÉ NEPOMUCENO** é Doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP, com pós-doutorado pela UFMG. Pesquisador e professor da Universidade Federal de Viçosa, campus Rio de Paranaíba, publicou artigos no Brasil e no exterior, com enfoque em estudos sobre Humanismo e Renascimento. Entre seus livros estão *Petrarca e o humanismo* (2008) e *A nação imaginária: ensaios sobre o Renascimento português* (2025).